
O *Homo Sapiens* e *Ethicus* no Contexto da Globalização da Sociedade Contemporânea

Giovanni Baruffa*

Resumo: A globalização da sociedade atual coloca o homem em frente ao dilema: viver de acordo com os princípios éticos enraizados nas culturas ou fugir da liberdade pela incapacidade de viver segundo a ciência e a consciência. A fuga da liberdade faz do homem um ser acrítico, preocupado só com a segurança, vítima dos movimentos liberticidas sempre inclinados a explorar as angústias da solidão física e psicológica. Vai, assim, eclipsando-se o livre-arbítrio que dá ao *sapiens* o *ethos* que faz dele uma pessoa inserida num ambiente físico, de cuja conservação depende sua sobrevivência, e num ambiente social onde o “outro” é um “alter ego”, um “hospes” e não um “hostis”, um inimigo.

Palavras-chave: globalização; *homo sapiens*; livre-arbítrio; sociedade ocidental.

A espécie *sapiens* compreende um mamífero não só dotado de inteligência – *sapiens* – mas também preocupado com os seus semelhantes, cuja convivência é imprescindível para fazer dele uma pessoa “persona”. Nesta convivência, desenvolve-se aquele *ethos* em função do qual ele vive e interage com o ambiente social: a família, o grupo, as instituições que compõem a sociedade. O *ethos* e a preocupação por ele gerada estendem-se igualmente ao ambiente físico, de cuja integridade e conservação depende a sobrevivência do *sapiens* como indivíduo e como espécie. O *sapiens*, então, é um ser *ethicus* desde os primórdios de sua existência no planeta. Esse *ethos* está enraizado nas culturas que a espécie *sapiens* criou e desenvolveu no curso de sua existência no

* Prof. Emérito da Universidade Católica de Pelotas/RS.

Prof. Emérito da Fundação Universidade Federal de Rio Grande/RS.

planeta e encontra-se ligado a um dos componentes universais destas mesmas culturas: a religião.

A sociedade, hoje, está vivendo uma profunda crise de valores tanto na sua forma comunitária como individualmente. Em conseqüência, assistimos, entre outras coisas, a uma degradação irreversível da integridade ambiental com sérias ameaças à sobrevivência das espécies animais e vegetais, não excluído o próprio *sapiens*.

O agravamento desta crise pode ser reconduzido ao processo de secularização, intensificado com o iluminismo, que caracteriza a vida da sociedade atual. Secularização que deu origem a uma progressiva emancipação da cultura como um todo unitário: economia, costumes, vida individual e social da influência do fato religioso, que sempre acompanhou a existência das sociedades humanas, portando e transmitindo a sua carga de *ethos*. Conseqüência da secularização é a afirmação de pluralismos e relativismos culturais, com ruptura dos freios éticos que põem um limite às ações humanas individuais e coletivas relacionada ao ambiente físico e social. Essa ruptura faz-se sentir na economia, na política, na convivência, nas relações étnicas em geral.

O relativismo cultural dos dias atuais é acompanhado de uma crise das ideologias com perda da influência das utopias cujo impacto na política e nos costumes estendeu-se ao longo da história da humanidade.

Secularização e crise das ideologias desembocaram no consumismo irracional e globalizante: corrida desenfreada ao bem-estar imediato sem preocupações de ordem religiosa, ética, política e social. O *sapiens* está-se convertendo em todo o mundo num consumista compulsivo. O seu semelhante não é mais visto como “alter ego” (outro eu), “hospes” (hóspede), mas como estranho, como competidor, ou pior, como inimigo, “hostis” a ser excluído do convívio, ou pior ainda, eliminado. O mandamento evangélico “Ama o teu próximo como a ti mesmo” vai perdendo o seu sublime sentido. Surgem, então, as contradições, os conflitos de interesses individuais, políticos, sociais, lutas internas, divisões étnicas, limpeza étnica: todas as situações vividas nos dias atuais. Desemboca-se, assim, numa crise de evidências éticas comuns, quer dizer, dos valores que nortearam a vida social em épocas anteriores: família, parentesco, autoridade, trabalho, administração da coisa pública, política, e religião.

A globalização está acabando com as identidades étnicas e culturais dando vida aos mitos de produzir para consumir e consumir para produzir em escala planetária. Tais mitos vão

eclipsando toda a plêiade de *ethos* que compuseram a humanidade e, com eles, vai desaparecendo o “humano” no contexto da espécie relegada à sua componente irracional, subumana. Ser “persona” não comporta mais alienar-se no “outro” e retornar a si mesmo como diz Hegel.

Com o desaparecimento das culturas que qualificaram a existência e as diferenças dos grupos humanos, desaparecerá aquele patrimônio de “humanitas”, criado e praticado ao longo dos séculos. O futuro do homem vislumbra-se como o de um consumidor compulsivo, sem capacidade crítica, autômato, sem amor ao próximo, sem convívio, sem solidariedade, sem compreensão com as diferentes formas de vida, livre do ônus da liberdade e dos problemas inerentes ao viver conforme a consciência. Irá, assim, acentuar-se aquela solidão existencial que tira qualquer sentido à vida e faz o *sapiens* perder a capacidade de conhecer e distinguir o bem do mal, o que deve ser feito do que pode ser feito, perder, no fundo, aquela sabedoria primordial que, desde as origens, foi seu atributo.

Essa solidão existencial associada à ideologia do consumismo “sufoca e remove as pulsões originais e criativas, nas quais se exprime o reino da liberdade” como bem escreve Tullio Altan (p. 211).

Nunca, como nos dias atuais, adquiriu todo o seu valor a “Oratio de hominis dignitate” (“Discurso sobre a dignidade humana” do grande humanista italiano Pico della Mirandola, 1463-1494). No texto, o Criador fala a Adão, mostrando-lhe como o livre-arbítrio, componente essencial da personalidade, tem toda a responsabilidade pela sua construção como homem e seu comportamento: “Não te dei, Adão, nenhum lugar determinado, nenhum aspecto próprio, nem alguma função que te sejam peculiares, com o fim de que aquele lugar, aquele aspecto, aquela função para a qual tu te decidires, possa obtê-los e conservá-los de acordo com o teu desejo e desenho. A natureza limitada dos outros é determinada pelas leis que Eu dei. A tua, tu mesmo a determinarás, sem estar limitado por nenhuma barreira, por tua própria vontade em cujas mãos te coloquei e te pus no centro do mundo com a finalidade de que tu pudesses observar tudo o que nele existe. Não te fiz nem celeste nem terrestre, nem mortal nem imortal, com a finalidade de que, quase livre e artífice soberano de ti mesmo, te plasmasses e esculpisses na forma por ti escolhida. Poderás degenerar para as coisas inferiores que são os brutos; poderás, de acordo com tua vontade, regenerar-te para as coisas superiores que são divinas”.

Como observa Erich Fromm: “A entidade básica do processo social é o indivíduo, seus desejos e seus temores, sua razão e suas paixões, sua disposição para o bem e para o mal. Para entender a dinâmica dos processos psicológicos que operam dentro do indivíduo, do mesmo modo que para entender o indivíduo temos que observá-lo no marco da cultura que o modula” (p. 24).

Hoje, vão-se delineando, novamente, na sociedade, os traços da personalidade que caracterizaram a sociedade ocidental com o advento do fascismo e nazismo da primeira metade do século 20, características que produziram aquele “medo da liberdade” bem estudado por E. Fromm, que tem, de um lado, uma necessidade de segurança e, do outro, a fuga da liberdade por parte das massas.

O homem deve viver como homem não somente como produto da cultura, mas como produtor criativo dela e de si mesmo. Viver como homem e produzir cultura significa aceitar o trabalho que está na origem da realidade social de todos os tempos e não refugiar-se num parasitismo social que, durante séculos, representou o ideal da sociedade classista, o “otium” contraposto ao “negotium”.

Não é de se estranhar que, num contexto social como aquele que foi apresentado, possa ter surgido a necessidade de uma ética mais abrangente: a ética da vida em todas as suas manifestações – a Bioética. Com ela, o homem poderá adquirir consciência dos seus limites como indivíduo e como espécie: expressão da vida, porém não o seu senhor. Adquirirá consciência de suas limitações como ser inserido num contexto biológico de cuja conservação ele tem a maior responsabilidade porque é animal cultural. A vida é única na infinita variedade de suas manifestações e nenhum ser que a partilha poderá tornar-se dono dela, eliminando-a dos outros viventes.

Abstract: In the present-day society, globalization places man in front of the following dilemma: to live according to the ethical principles rooted in the cultures, or to flee from the liberty due to the incapacity of living according to the science and the conscience. The flight from liberty makes man an uncritical being, only worried about the safety, victim of destructive of liberty movements always inclined to explore the anguishes of physical and psychological solitude. This gradually overshadows the free will which gives the *ethos* to the *sapiens* and makes him a person included in a physical environment on the conservation of which he depends his survival, and in a social environment where the “other” is an “alter ego”, a “hospes” and not a “hostis”, a foe.

Key Words: globalization; *homo sapiens*; free will; western society.

Bibliografia

FROMM, E. *El miedo de la libertad*. Paidós, Buenos Aires, 1966.

TULLIO ALTAN, C. *Antropologia*. Feltrinelli, Milão, 1983.

PICO DELLA MIRANDOLA, G. In FROMM, op. cit.

